

Tom Holland

Dominion: How the Christian Revolution Remade the World

Little Brown, 2019, 624 pp.

Thomas Holland, nascido em 1968, é um autor inglês que tem publicado *best-sellers* sobre tópicos de história clássica e religiosa. Frequentou Cambridge, graduando-se com um *Double First* em Estudos Ingleses. Após desistir em Oxford de uma tese de doutoramento sobre Lord Byron, passou a escrever novelas de terror, com alusões aos seus conhecimentos de cultura clássica. Enquanto fazia pesquisas para *The Bone Hunter* (2001) leu *From Alexander to Actium*, de Peter Green, reavivando a sua paixão pela história e civilizações antigas. Escreveu depois obras aclamadas como *Persian Fire: The First World Empire and the Battle for the West* (2005) e *Millennium: The End of the World and the Forging of Christendom* (2008). Em 2013 publicou uma tradução de *Histórias*, a partir do original de Heródoto, muito saudada pela crítica.

Dadas estas credenciais importa ter presente que erudição é injetada no objetivo ambicioso de *Dominion*. As treze páginas de bibliografia refletem os livros consultados, mas Holland não deixa de ser um escritor de divulgação histórica que realça narrativa, personalidades e detalhes, em contraste com a escrita académica. É um género que inclui autores como Niall Ferguson, Christopher Hibbert, Simon Schama, Simon Sebag Montefiore, Daniel J. Boorstin, Yuval Harari e – da geração anterior – Eric Hobsbawm e Paul Johnson. Podemos contar com eles para saberem o que afirmar com ênfase.

Neste livro preenchido por xxi capítulos repartidos em três partes – *Antiguidade, Cristandade e Modernidade* – Holland mede o impacto

do cristianismo, argumentando que o que consideramos valores humanos intrínsecos derivam do Cristianismo e não existiriam sem dois milénios de *domínio cristão*. A obra enquadra concetualmente santos e mártires, pensadores e devotos, cientistas e ativistas cristãos e pós-cristãos. Em vez de debates teológicos complexos, foca figuras-chave da referida tradição: Paulo, Abelardo, Catarina de Sena, Francisco de Assis e luminárias modernas como Galileu, Darwin, Luther King e Angela Merkel. Não é uma galáxia de superestrelas cristãs. Eles estão inseridos nos seus contextos históricos, à medida que o livro decorre desde César Augusto até o movimento #MeToo em 2017.

A Holland interessa-lhe de que modo a vivência humana de igualdade perante Deus fez do cristianismo um esteio da sociedade e o tornou subversivo da ordem social; e como, num Ocidente que duvida da religião, vários dos seus impulsos fundamentais permanecem cristãos. Na Antiguidade Clássica, a divindade era o destino dos grandes, dos heróis e monarcas. A grandeza destes media-se pelo poder de dominar, não de servir; acreditava-se em múltiplas divindades. Através da conceção trinitária de Deus feito Homem e presente pelo Espírito, o cristianismo subverte estas tradições à luz da igualdade e fraternidade humanas.

Após contextualizar a mensagem evangélica na Antiguidade, Holland aborda a figura de Paulo de Tarso. Ao deparar com *a seita de Jesus* lhe moveu perseguição ativa; mas após a experiência de Jesus ressuscitado, tornou-se o promotor mais vigoroso da nova fé, ajudando a fundar comunidades no Mediterrâneo oriental. A mensagem dirige-se a todos, judeus e gentios, que seriam igualmente salvos: *Não há mais judeu nem grego, não há mais escravo nem livre, não há mais homem nem mulher; porque todos sois um em Cristo Jesus.* (Gal 3:28). O conceito de igualdade universal tinha precedentes na noção estóica de lei natural, e fora absorvida por judeus de cultura helénica. *Animando todo o universo, Deus era a razão ativa: o Logos. ... Viver de acordo com a natureza, portanto, era viver de acordo com Deus* (p. 27).

Não foi fácil dar sequência às ideias de Paulo. Os cristãos dos primeiros séculos recorriam a razões bíblicas e culturais para justificar a ordem social vigente, como se nota na instância da escravatura. Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho encaravam-

-na como resultado lamentável, mas inevitável, da queda e do pecado. Basílio de Cesareia via-a como benéfica para o escravo como remédio para os próprios pecados, um eco negativo da ideia aristotélica de que existem pessoas servis. Ou, como pensava Ambrósio, apenas o corpo é escravizado, não a alma.

Foi preciso um conjunto de novas personalidades vir denunciar a escravatura como intrinsecamente má, como mostra o cap. v da obra. Gregório de Nissa, (c. 335 - c. 395), irmão de Basílio de Cesaréia e amigo de Gregório de Nazianzo – os chamados Padres da Capadócia –, foi influenciado por Orígenes, Justino o Mártir e Clemente de Alexandria; estes deram aos teólogos a ferramenta de que não só *o cristianismo era compatível com a filosofia, mas até a sua máxima expressão...* (p. 104). Membro de uma família em que dos nove filhos, cinco foram considerados santos, Gregório de Nissa nos escritos sobre a Trindade e na sua conceção de salvação exige a condenação radical da escravatura (pp. 106-7). A avó Macrina também foi considerada santa e o avô materno foi um mártir da perseguição movida por Maximino II. A irmã Macrina dedicou-se a cuidar de doentes e pobres. Numa sociedade onde o infanticídio era corrente, recolhia recém-nascidos abandonados para os criar. Quando morreu, *não era o seu irmão, o célebre bispo de Cesareia a quem Gregório comparava a Cristo, mas sua irmã* (p. 126).

Séculos se passariam antes de os cristãos adotarem as práticas caritativas dos Padres capadócios. É difícil imaginar quão radical foi esta mudança proposta por Gregório e Macrina e, mais tarde, por Martinho de Tours e Paulino de Nola: ajudar os vulneráveis porque neles reconheciam o Cristo sofredor. Mecenato, sempre existiu, como o termo latino lembra. Mas as doações dos ricos e poderosos na Antiguidade eram consideradas um reflexo da sua glória e estima. Tratar os outros como iguais e imagem do divino era, até ao século v, uma ideia absurda. O facto de nos parecer hoje normal e justo mostra, como argumenta Holland, que somos como peixes em águas cristãs, mas quase nem disso nos apercebemos.

A consolidação de *Crença, Caridade, Céus e Êxodo* – títulos dos capítulos iniciais – iniciou-se na Europa de meados do séc. xi com a *reformatio* da Igreja e a divisão de poderes efetivos entre o secular e o religioso. Os efeitos foram revolucionários. Morre a Igreja de cunho

germânico, com Cristo rei cercado pelos seus discípulos como um *comitatus*. Nasce a Igreja dos reformadores de Cluny que condenavam a interferência política na administração dos mosteiros, a imposição de senhores locais como abades e a exigência de taxas sobre a posse das terras monásticas. Em 1073 o monge Hildebrando tornou-se o papa Gregório VII, elevando a *reformatio* a novas alturas, exigindo o celibato clerical, condenando a simonia, e vencendo o confronto com o imperador Henrique IV, em Canossa, em janeiro de 1077. Daqui emergiu uma instituição única da Europa ocidental que agora tomamos como certa – a separação entre Igreja e Estado, entre o secular e o religioso.

Da *reformatio* de Gregório VII emerge o *Decretum* (c. 1150) atribuído pela tradição ao monge Graciano. O decreto culmina um trabalho de décadas, iniciado por Irnério, que derrubou várias presunções: o costume ser a autoridade final; aos grandes ser devida uma justiça diferente dos humildes; a desigualdade ser natural. Os legistas de Bolonha foram agentes de uma revolução: também os vulneráveis tinham direitos. O direito canônico nasceu e tornou-se ferramenta essencial da revolução gregoriana.

Para Holland, o conceito de *reformatio* veio para ficar. Lutero e o que chamamos *Reforma* foram uma tentativa de renovação que redundou na criação de Igrejas Nacionais. Este espírito de reforma continuou com Voltaire e mesmo com o Iluminismo anticlerical cujos impulsos enraizados nessa tradição de renovação e libertação. As revoluções liberais que moldaram o mundo moderno, da Europa à América, também são ecos dessa ideia cristã.

O livro de Holland não silencia o lado sombrio da história da cristandade. Estão lá os horrores da cruzada contra os Albigenses, uma das primeiras guerras de religião que provocou dezenas de milhares de mortos em Béziers e o horror que obscurecia as mentes dos cruzados (p. 245). Estão lá os procedimentos da Inquisição romana no processo de Galileu, mas também a avidez de celebridade do pisano. Está lá o clericalismo que revoltou Voltaire contra a Igreja no *affaire Calas*. Está lá a descrição dos horrores da escravatura que levaram à campanha abolicionista do casal Quaker Sarah e Benjamin Lay. Alguns críticos piedosos acreditam que Holland exagera as sombras, mas, realmente, alcança o equilíbrio ao estabelecer o foco de que *os critérios pelos quais*

[os cristãos perseguidores] são condenados continuam a ser cristãos (p. 525). Recordando um recente livro de Tomáš Halík e a passagem de 1Cor 1:27, conclui o autor: *não parece provável que esses critérios mudem embora as igrejas em todo o Ocidente continuem a esvaziar-se. Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir os sábios; e escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir os fortes.* Esta é a narrativa que o Ocidente continua a seguir (p. 525).

A formação anglo-saxónica de Holland e a sua infância anglicana explicam muitas das omissões e enviesamentos do livro. Não surgem franceses como Joana d'Arc, Vicente de Paula, Fénelon, os irmãos Lamennais, Péguy e Maritain; mais estranhamente estão ausentes Joaquim de Flora, Erasmo, Thomas More, Inácio de Loyola, Franz von Baader; ou entre os ortodoxos, Máximo o Grego e Berdiaeff. Esta lista poderia alongar-se, mas o facto é que *Dominion* é mais esburacado do que um queijo gruyère e dele desapareceram troços inteiros do cristianismo católico e ortodoxo. Os pressupostos anglo-puritanos de Holland são muito evidentes, o que não o impede de ser um interlocutor interessante nos temas de homossexualidade, tratados no cap. xvii a propósito de *Psychopatia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing. Nesta mesma linha nota-se a quase total ausência de reflexão sobre a fecundidade do imaginário cristão na arte; por exemplo na música desde a medieval Hildegarda de Bingen, até Bach, Mendelssohn e Honneger e também não menciona a pintura; nota-se a relutância em encarar o belo como transcendental do ser.

Um dos problemas de *Dominion* é o autor não se deter no fluxo narrativo para apresentar visões alternativas. Nos sete capítulos finais do livro – *Modernitas* – explora o paradoxo de vivermos num mundo ocidental pós-cristão, mas permeado pelas ideias e princípios do cristianismo. Martin Luther King em 1964 lança a marcha dos direitos humanos; os Beatles em 1967 cantam *all you need is love* sem *ter de explicar por que faz sentido*. O fim do apartheid na África do Sul em que colaboraram De Klerk, Desmond Tutu e Mandela foi um dos grandes dramas da história cristã, com ecos deliberados dos Evangelhos. As estrelas mundiais de Rock criam em 2004 a música *We are the world* em nome da ajuda a África. Ângela Merkel acolheu na Alemanha em 2015 os refugiados da Síria, contrariando os barões conservadores do seu

partido. O movimento #MeToo em 2017 veio reclamar respeito pela mulher. O movimento Woke ganha pontos com o despertar da exigência de respeito inter-racial. Todas estas personalidades e movimentos alegam um universalismo que, afinal, é culturalmente específico; que os seres humanos têm direitos; que nascem iguais; que se lhes deve sustento e abrigo, e refúgio da perseguição: *estas nunca foram verdades evidentes, mas sim verdades cristãs*, diz Holland, uma conclusão semelhante às do atual Jürgen Habermas (*Time of Transitions* New York: Polity, 2006, 150–51).

No capítulo XIX – *Sombras* – compara as personalidades de J.R.R. Tolkien e Adolf Hitler. Presentes na batalha do Somme em 1916, ambos viam o mundo como um choque entre a luz e as trevas. Tolkien aceitou a teologia de Agostinho, numa visão um tanto sombria sobre *a longa derrota*, a batalha contínua contra o mal. Nenhuma vitória é completa, o mal surge sempre e até mesmo a vitória traz perdas. Mas a esperança e a amizade são essenciais nessa luta. Em contrapartida, um otimista impiedoso e com a vontade crua de vitória a qualquer preço como Hitler não experimentava esses pensamentos *frágeis e judaicos*, desdenhando o cristianismo (Holland, p. 460). Como lembra Terry Eagleton na sua recensão de *Dominion* (*Guardian*, 21.09.2019), a experiência judaico-cristã do amor predomina porque não tem o sentimentalismo romântico que adquiriu na modernidade. O amor e a compaixão do Novo Testamento inspiram uma prática social. Edith Stein e Etty Hillesum que ocupam o lugar dos outros na fila das câmaras de gás de Auschwitz não precisam de conhecer diretamente o outro. Só um amor alheio a género, classe, raça ou personalidade e dirigido aos vulneráveis, consegue desafiar e vencer o que o apóstolo S. João chamou sombriamente *os poderes deste mundo*.

Dominion não é uma história das ideias, mas sim do corpo e da alma da humanidade. O capítulo VI sobre a invenção de S. Miguel em 492, no Monte Gargano, é dos mais extraordinários da obra. Sobre Anselmo de Cantuária, Holland não se detém no célebre argumento ontológico, mas revela – tal como também é patente em Bernardo de Claraval e Abelardo, irmãos inimigos – a visão do homem, carnal, corpórea e dolorosa: *porquê, ó minha alma, falhaste em estar presente, para ser esfaqueada por um punhal de dor amarga; por que não suportaste a perfu-*

ração do lado do teu Salvador por uma lança? Esta *Oração a Cristo* (c. 1070) não se dirigia ao Deus que reinou em glória, mas ao condenado que sofreu uma morte humilhante.

Num posfácio, Thomas Holland apresenta-se aos leitores como quem já foi cristão e interroga-se provocadoramente se *o cristianismo precisa de cristãos para continuar*. A diminuição do número de crentes não parece implicar o fim dos valores cristãos. Pelo contrário. Mesmo na Europa – um continente com igrejas muito mais vazias do que nos Estados Unidos, como escreveu Tomáš Halík – o Evangelho continua a marcar a sua presença de modo quase indetetável, ainda mais invisível do que o coronavírus, e sempre inspirando crentes, ateus e agnósticos à compaixão, solidariedade e caridade que têm expressão nos direitos humanos. Como afirma René Rémond, na Europa atual predomina a desvalorização cultural do cristianismo. Holland escreve fundamentadamente no sentido contrário.

MENDO CASTRO HENRIQUES